

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 07	P.103-118	2003	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	-----------	------	----------------

Comunicação intercultural: um olhar sobre/para o outro

Julie Kellen de Campos Borges (UNIVAG)
Ana Antônia de Assis Peterson (UFMT)

ABSTRACT: This article describes the perceptions and attitudes of Brazilian speakers about the communicative behavior of an American living in Brazil. What beliefs, expectations, and attitudes regarding the significant Other are shaped during social interactions? Based upon transcripts of oral accounts of ethnographic interviews and field notes of participant observation, we attempt to describe some forms of identity constructions delineated in social interactions at school and at work. We conclude that what seems to be understood as an individual characteristic of the subject may reveal embedded socio-cultural patterns.

KEY WORDS: Intercultural communication, social perceptions, cultural differences.

RESUMO: Este artigo descreve percepções e atitudes de falantes brasileiros acerca do comportamento comunicativo de um americano vivendo no Brasil. Quais impressões, expectativas e atitudes acerca do Outro são moldadas nos encontros sociais dos sujeitos? Valendo-nos de relatos orais transcritos apreendidos por meio de entrevistas etnográficas e de observação participante, procuramos descrever algumas formas de construções identitárias delineadas a partir de interações sociais ocorridas em contexto escolar e de trabalho. Concluimos que o que é interpretado como sendo uma característica individual do sujeito pode revelar padrões sócio-culturais subjacentes.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação intercultural, percepções sociais, diferenças culturais.

1. Introdução – a experiência do outro e da sua alteridade

O desejo de conhecer o Outro decorre de longa data. Contudo, se no passado, antropólogos se distanciavam de sua casa em busca do “nativo nas terras exóticas”, hoje, pesquisadores etnógrafos não precisam mais sair de casa para encontrar o Outro. O Outro está perto de nós, cruzou fronteira mediante viagens turísticas, de negócios, de migrações de refugiados ou mediante meios eletrônicos de comunicação. Assim como etnógrafos não precisam mais viajar para uma vila distante para encontrar o Outro, o homem comum também não precisa mais sair de sua cidade, de sua casa para interagir com um estrangeiro.

Vários estudiosos (Canevacci, 1996; Canclini, 1998; Hall, 2001, Schollhammer, 2002; Lincoln & Denzin, 2003), teoricamente falando, aventam que o conceito de *nativo* desapareceu e no seu lugar avulta o “Outro”. Conforme Lincoln & Denzin (2003: 628) assinalam, o termo “nativo” é, contemporaneamente, silenciado porque traz à tona aspectos colonialistas e ofensivos relacionados ao trabalho de campo de etnógrafos, que se viam como seres “civilizados” e objetivos tentando apreender um retrato fiel do modo de viver daqueles “nativos-Outros” vistos como seres “primitivos”.

Canevacci (1996:13-14), na formulação de sua teoria nomeada *sincretismo*, também deixa claro que não há mais espaço para o conceito de “nativo”. Para esse autor, *o sincretismo atropela, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e familiares, (...) é um mix de códigos que recombina diferenças étnicas assumidas como riqueza em sua desordenada junção (...)*. Há o reconhecimento de que o Outro não é uma entidade homogênea, pura, estável, distanciada de nós. O nativo nunca existiu, o nativo sempre foi o Outro, bem plural, descentrado, fragmentário, conflituoso, contaminado, misturado.

Schollhammer (2002), ao discutir o desaparecimento da figura do exótico, afirma que nada no mundo contemporâneo nos é completamente desconhecido ou inesperado. Conforme Schollhammer, vivemos o mundo do pós-exótico em que a alteridade aparece agora não mais numa periferia identificável,

mas no coração iluminado de um mundo conquistado. Para esse autor, há uma reversibilidade de papéis: o viajante (na figura de refugiados, exilados, gringos) é agora olhado e exposto como elemento exótico diante dos olhos de nativos. Nunca o Outro foi tão presente, delatando silenciosamente o seu observador. O exótico, o estrangeiro é o próprio observador a olhar para si mesmo. Schollhammer quer nos dizer que na nossa própria casa estamos sob o olhar humilhante, denunciante, sem esperança do Outro em consequência das diferenças raciais, regionais e econômico-sociais. Para o autor *“é a presença estranha de visitante intruso, exposto de maneira vulnerável ao olhar do outro, que abre a possibilidade solidária de uma comunidade inconfessável com aquilo que lhe ameaça e lhe escapa”* (Schollhammer, 2002: 275).

Dizendo de outro modo, no lugar do conceito de nativo, avulta o “Outro”, cuja voz, alguns pesquisadores de agora lutam para ouvir. Nessa visão relativista e pluralizada, pesquisadores interessados no Outro já começam a mostrar que, conforme formulam Lincoln & Denzin (2003: 629), eles não podem viver aquelas vidas das pessoas estudadas, mas que vivendo bem perto delas podem começar a entender como as pessoas que vivem aquelas vidas constroem seus mundos.

Este artigo pretende ser um olhar sobre/para o Outro. É um estudo voltado para um modo de ser, agir, fazer que delinea um sujeito aparentemente diferente ao participar de encontros sociais como: escolar, profissional, familiar. É a partir da observação de um sujeito norte-americano, aqui denominado David, interagindo com outros sujeitos, porém brasileiros, que pretendemos refletir acerca de comunicação intercultural. Qual a percepção identitária desse Outro (David) ao tecer relações sociais com falantes brasileiros? Quais impressões, expectativas e atitudes são moldadas nos encontros desses sujeitos? Valendo-nos de relatos orais transcritos apreendidos por meio de entrevistas etnográficas e de observação participante, procuraremos descrever algumas formas de construções identitárias negociadas a partir de conversas entre um norte-americano residente no Brasil, aprendendo português e seus interlocutores no contexto escolar e de trabalho.

Este trabalho é um recorte de uma tese de mestrado¹⁹ cujos dados foram coletados e analisados nos anos de 1998, 1999 e 2000. David chegou ao Brasil para morar em fevereiro de 1997. Na ocasião, não falava português.

2. Olhares sobre David na escola

No contexto escolar, onde David estava tendo aulas de português, as interlocutoras freqüentes de David (duas professoras e duas administradoras) mostravam-se solidárias ao seu modo de conversar; falavam sem pressa e eram tolerantes com as suas longas pausas e hesitações. Elas revelaram que quando o tema gerador da conversa era do interesse de David ou quando ele possuía domínio sobre o assunto (assuntos profissionais como computação, matemática, economia e assuntos envolvendo aspectos culturais dos Estados Unidos como festas tradicionais, esportes, educação e culinária), sua participação se tornava mais ativa na estrutura conversacional; ele falava mais, inseria subtópicos e até mesmo roubava turnos para completar seus enunciados²⁰. As professoras desempenhavam o papel duplo de professoras e parceiras conversacionais e conseguiam encorajar interações semelhantes a uma conversa espontânea.

Em contraste ao grau de envolvimento nas interações conversacionais que envolviam tópicos de interesse e de conhecimento de David, nas conversações rotineiras e sociais do dia a dia, ele não demonstrava grande envolvimento. As saudações ritualísticas (*Bom Dia! Oi/Tudo Bem?*), consideradas marcadores da iniciação conversacional (Marcuschi 1998), por exemplo, geralmente eram ignoradas por David. Ele não tinha o hábito de cumprimentar as pessoas ao chegar à escola e, embora respondesse quando cumprimentado, não dava continuidade à conversa, a não ser que o seu interlocutor o fizesse.

¹⁹ Ver Campos Borges (2001).

²⁰ Na tese mencionada, há muitos exemplos dos episódios interacionais envolvendo David e seus interlocutores. Aqui, por questão de espaço, eles não são incluídos.

Alguns alunos comentaram com a professora-pesquisadora que tentaram iniciar conversa com David (um americano na escola chamava a atenção), mas se sentiram frustrados por não encontrarem receptividade da parte dele: “*Ah teacher, eu tentei falar com aquele americano, mas parece que ele não queria conversar muito comigo não*”. (N.C, 12/06/98). Um outro aluno adulto, funcionário de banco, comentou: “*ontem o americano foi lá no banco trocar um cheque, eu tava no caixa e tentei falar inglês com ele, mas ele parece que não entendeu nada, me olhou de um jeito estranho...*” (N.C, 10/10/98). Durante um almoço profissional de confraternização, no qual David estava presente, uma professora da escola assim comentou com a professora-pesquisadora: “*Esse “David é estranho, né”* ao que ela respondeu: “*Você acha? É o estilo dele*”. A outra não concordou e retrucou: “*Será? Eu não sei não, prá mim ele é muito esquisito, num fala nada!!*” (N.C, 22/05/00).

O próprio David registrou no seu diário que ele não era afeito a bate-papos sociais principalmente com pessoas que não conhece há muito tempo. Uma regra que vale tanto para interações em português quanto em inglês: “*I really avoid chit-chat conversations because I really can not carry a conversation with out any real purpose... It is also true that in English I do not chit-chat a lot unless I know the person very well...*”²¹. (Diário, 30/06/98)

Uma vez, a professora-pesquisadora pediu-lhe para participar durante quinze minutos de uma aula de inglês numa turma de crianças (8 a 10 anos). Seu papel seria responder a uma série de perguntas básicas sobre a sua rotina diária. Nessa ocasião, Carla, uma garotinha muita extrovertida aproximou-se de David batendo no seu ombro várias vezes e tentando pegar na sua mão falou: “*tio, tio, você fala português, você fala português? você fala, né? ah fala prá mim; fala prá mim...(tom choroso)*”. David, atrapalhado e totalmente ruborizado, esquivou-se suavemente da menina retraindo os braços e os ombros, e não disse nada.

²¹ Tradução: “Eu realmente evito conversas corriqueiras, porque não consigo sustentar uma conversa sem nenhum propósito real. Também é verdade que em inglês eu não falo sobre coisas corriqueiras, a menos que conheça a pessoa muito bem”.

Constrangida por vê-lo perturbado, a professora pediu imediatamente a Carla que se sentasse (havia cinco crianças barulhentas na sala de aula). Inconformada, ela dirigiu-se para a sua carteira. Era a primeira vez que ela se comunicava com um estrangeiro e a curiosidade de vê-lo falando português a deixava exultante. Todavia, após ter respondido a todas as perguntas em inglês, a pedido das crianças, David respondeu a todas as perguntas em português.

O estilo de David nunca passou despercebido entre aqueles com os quais ele manteve algum tipo de contato social. Alguns alunos comentaram que sentiam um certo desconforto com a sua presença. Eles queriam conversar em inglês com David, mas ficavam inseguros e acanhados para iniciar uma conversa devido às suas próprias limitações lingüísticas. Além disso, David, por causa de seu estilo reservado e quieto, não facilitava a aproximação.

Nas aulas de português, David costumava sentar-se um pouco distante das professoras. A fim de minimizar essa distância geralmente as professoras moviam sua carteira ou sua mesa para mais perto da carteira dele ou eventualmente pediam-lhe para se aproximar delas: "*senta um pouco mais para cá*" (N.C, 03/03/98). David costumava manter os olhos baixos centrados no caderno ou num outro ponto qualquer que não fosse o seu interlocutor. Às vezes, olhava nos olhos de forma direta, porém, por apenas alguns segundos e, logo em seguida, os dirigia para outro lugar. De modo geral, nas interações dentro ou fora da sala de aula, David raramente pousava o olhar diretamente no interlocutor e ao falar também evitava o contato visual prolongado, o que causava estranhamento aos seus interlocutores.

3. Olhares sobre David no trabalho

No escritório, David passava quase o dia todo sentado em frente ao computador. Ele normalmente digitava, pensava, voltava a digitar. Esporadicamente, lia algum manual de informática, freqüentemente alongava-se para trás e para frente, bebia água ou coca-cola. Às vezes pronunciava monossílabos ininteligíveis. Os

seus companheiros de trabalho, Gabriel e Alexandre, constantemente interrompiam o trabalho no computador para falar ao telefone com clientes. Segundo Gabriel, *“ele atende aos clientes somente quando não há ninguém no escritório, os clientes não entendem muito bem quando David fala e reclamam: “pô, vocês põem um americano pra conversar com a gente!”* (Ent. 22/10/99).

Ao contrário da escola, foram escassos os momentos de interação verbal entre David e seus colegas de trabalho. Programar exige concentração e silêncio, requer o olhar na tela do computador e dedos ágeis no teclado. Alexandre logo retratou a característica predominante do ambiente de trabalho: *“aquí não dá pra conversar, não dá pra ter barulho, se a gente for conversar não sai nada...”* (N.C. 10/11/98).

Os interlocutores eram reduzidos, além de que muitas vezes devido a viagens e visitas a clientes, Alexandre e/ou Gabriel se ausentavam do escritório. Mesmo numa segunda fase da coleta, quando havia dois novos funcionários, o cenário continuava silencioso e não propício a interações verbais. O interlocutor mais freqüente de David era Alexandre. Ele solicitava o tipo de serviço que David deveria executar. Por ser o diretor de marketing, ausentava-se com freqüência do escritório, e as suas conversas com David normalmente ocorriam ao telefone. Nessas ocasiões, David explicava questões técnicas, falando mais inglês (apenas enunciados curtos e simples eram em português) e Alexandre aproveitava a oportunidade para falar inglês.

Para Alexandre, todas as interações verbais com David constituíam oportunidades para praticar o seu inglês. Quando perguntado se incentivava David a falar português, respondeu: *“de jeito nenhum, eu quero é que ele fale inglês, pra mim é ótimo (risos)”*, porém, também revelou que falar inglês para ele era uma tarefa árdua: *“se ele soubesse falar português eu acharia ótimo porque tem dia que eu acho ruim ficar falando em inglês, eu fico cansado porque tem que ficar pensando né?!”* (Ent., 28/10/98). David, por sua vez, percebia que Alexandre aproveitava as interações com ele para praticar inglês (*“when I try to speak Portuguese Alexandre will find it amusing and make a joke or start snickering. When clients arrive at work, I am the American and*

*Alexandre usually asks if they want or know English*²²) (Diário, 28/10/98). Alexandre revelou à pesquisadora que David não falava bem português (“*pra quem tá há dois anos no Brasil, o português de David é horrível!*” (Ent. 03/09/99). Atribuiu o insucesso comunicativo de David a duas características de personalidade: ser quieto e orgulhoso (“*sempre eu puxo conversa. Ele não tem uma certa facilidade para isso, mas se eu ficar quieto na mesa, ela fica quieto também, aí ficam dois quietos tomando cerveja... quando David e Gabriel estão juntos se escuta até mosca aqui (risos), é sério!*” (Ent. 03/09/99); (“*ele é muito orgulhoso, ele não gosta de errar, ele começa a falar e fica, hein, hein, hein, mas é assim, devagar ele vai...*” (Ent.10/09/99).

Elton, um dos funcionários, contou que, logo quando fora contratado, ficou duas semanas estagiando no escritório. Nessa ocasião, ele conversava muito pouco com David “*era só bom dia e boa tarde, às vezes até pra cumprimentar era difícil*”. Segundo ele, mesmo fora do escritório, durante as viagens de trabalho, David era calado, os clientes também o estranhavam. Normalmente, ele não se integrava na conversa, ficava isolado até que alguém o chamasse a participar. Os clientes lhe perguntavam “*e ele não fala nada? Ele não fala português?*”.

Nas interações com os colegas de trabalho, observou-se que os colegas é que iniciavam a interação. Todavia, David mostrava participar da conversa ativamente quando precisava exercer seu papel informativo de autoridade em programação. A necessidade de se obterem e produzirem informações precisas fazia com que seus interlocutores usassem diferentes estratégias comunicativas, procurando ajustar as suas falas de maneira que fossem compreendidos por David. Alexandre confiava na sua capacidade de falar inglês. Gabriel valorizava a importância de se falar português e David demonstrava envolvimento interacional através de risos, *back-channels*, enunciados curtos em português e gestos.

²² Tradução: “Quando tento falar português, Alexandre acha engraçado e faz brincadeiras ou começa a me cortar. Quando os clientes chegam, eu sou o americano e Alexandre geralmente pergunta se eles querem ou sabem falar inglês”.

Às vezes, alguns funcionários de clientes iam ao escritório buscar algum equipamento ou apenas fazer uma visita social. Um bate-papo com Gabriel ou Alexandre era inevitável. David, porém, nunca interrompia o seu trabalho para ter essas conversas informais. Quando era diretamente ratificado nas saudações, ele respondia cordialmente, contudo, se a saudação fosse de modo geral, para todas as pessoas da sala, ele não respondia ao cumprimento, continuando concentrado no seu trabalho.

4. Algumas reflexões

Tanto na escola quanto no trabalho, os interlocutores reconhecem que David é capaz de se comunicar em português. No entanto, o conflito de expectativas acerca de seu desempenho social parece atribuir insucesso ao seu desempenho lingüístico. Durante as interações, segundo Scollon & Scollon (1996: 36), dois lados da face – “independência” e “envolvimento” – são projetados simultaneamente, produzindo uma situação inerentemente paradoxal em toda comunicação. À medida que David demonstrava independência na interação, por meio da relativa distância física em relação às pessoas, o modo esquivo de fixar o olhar nos interlocutores, a resistência aos bate-papos corriqueiros, o modo de responder ou não às saudações, o seu silêncio, projetava uma imagem aos seus interlocutores que o viam como uma pessoa muito séria, calada, de pouco envolvimento com as pessoas. Era como se David não compartilhasse do sistema simbólico de comunicação do brasileiro. O seu comportamento comunicativo parecia sinalizar desinteresse, desprestígio pelo outro e, ao mesmo tempo, levantava dúvidas quanto ao seu desempenho lingüístico.

Por outro lado, quando ratificado na interação, cujo tópico se relacionava a trabalho ou tema de interesse de David, no qual ele ocupava uma posição de autoridade por possuir conhecimentos específicos na área, quando a função da linguagem era mais informativa do que social, o seu grau de envolvimento na conversa era maior. Os interlocutores não o interrompiam para fazer correções ou oferecer-lhe ajuda

lingüística nem David solicitava ajuda ou os consultava acerca do uso de uma palavra.

Segundo Marcuschi (1998), há muitas maneiras de se iniciar uma conversação. Durante os cumprimentos, inicia-se a abertura do estado de fala, no qual os interlocutores podem dar contigüidade à conversa, abordando um tópico. Iniciar uma interação requer abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão moldadas. Nesse contexto, o alinhamento adotado por David, não cumprimentando as pessoas que não ratificavam diretamente, pode ser interpretado como desinteresse pelo outro, visto que um dos objetivos da saudação é demonstrar que há uma filiação com o outro ou com o grupo.

Tal qual nas saudações, David normalmente não iniciava a interação se não fosse ratificado por alguém, provocando mal-estar em seus colegas de trabalho assim como ocorria com os alunos na escola. Gabriel comentou “... *do começo quando ele chegou aqui ele mudou muito, eu não sei se o jeito dele é esse porque ele não fala a língua...todo americano é assim? será que ele gosta daqui? por que ele não aprendeu português até hoje? na casa dele ele também é quieto assim?*” (Ent. 22/10/99).

Sabemos que na vida cotidiana, as primeiras impressões são projetadas quando os indivíduos se colocam na presença dos outros (Goffman, 1989:20). Entretanto, essa imagem pode ser desmontada, contradita ou aceita quando iniciamos a interação. David causava desconforto quando os alunos da escola tentavam iniciar uma interação com ele. A direção do olhar, a sua postura corporal mais distanciada do seu interlocutor, as suas longas pausas o marcavam como um indivíduo arredo, que não desejava conversar. David, falavam os alunos, é um sujeito “estranho”, “esquisito”. Renata, a outra professora de David que não a professora-pesquisadora, mais familiarizada com americanos, dizia que “o americano é assim mesmo”, do tipo “*do it yourself*” (“faça-o você mesmo”) (N.C., 21/05/98). Para ela, o “ser assim” de David é associado ao “ser assim” do americano. Em geral, o americano apresenta um modo de olhar mais indireto e menos intenso do que o brasileiro, o seu posicionamento corporal também é mais distanciada e mais contido do que o do seu interlocutor brasileiro. Enquanto, de acordo com o senso comum,

o brasileiro é visto como um povo que tende a se expressar, experimentar e vivenciar as situações de forma mais solta, calorosa, o americano é mais cerimonioso, mais autônomo, mais distante.

Talvez o que parecesse, aos alunos e aos colegas de trabalho, uma característica individual de David, fosse uma característica da cultura norte-americana. David, por falar pouco, é visto como taciturno, isto é, uma pessoa que aparentemente não deseja filiar-se aos demais (Scollon & Scollon, 1996:39). Através da não-filiação, o interlocutor mantém sua independência, na medida em que opta em aderir, ignorar ou abandonar sua participação na conversa. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a face de David evita conflitos, ela também frustra as expectativas de seus interlocutores.

Diferenças culturais suscitam modelos interacionais distintos ou conflitos na comunicação, principalmente, em situações de comunicação intercultural. Edward Hall (1976), ao estudar proxêmica (estudo de percepção e uso de espaço) e comunicação, exemplificou tais situações, referindo-se ao sistema de tempo e espaço desenvolvido pelos norte-americanos que acarreta dificuldades quando esses interagem com falantes de outras culturas que não interpretam a importância da pontualidade e da distância espacial do mesmo modo. Há também regras culturais importantes e fronteiras entre pessoas de sexo diferente, por exemplo, que indicam que não podemos nos mover livremente. Culturas diferentes têm diferentes regras e atitudes em relação ao espaço pessoal quando as pessoas interagem para se comunicar. Se alguém quebra a regra cultural subjacente ou implícita, isso será interpretado como ameaçador à face do interlocutor.

Linguisticamente, David parecia não afrontar a face de seus interlocutores. Contudo, a ameaça à face se configurava quando ele quebrava regras sociocomunicativas ou sociolingüísticas. Os interlocutores reclamavam que David quase não falava, parecia distante e nem sempre cumprimentava as pessoas. Os comportamentos extralingüísticos como o modo esquivo de olhar, a distância física mantida em relação ao seu interlocutor, a impressão de distanciamento causada pela

ausência de interações corriqueiras, o rompimento do protocolo social ao permanecer em silêncio ou ao se abstrair de bate-papos informais bem mais que os lingüísticos possivelmente contribuíram para causar estranhamento ou desconforto no trato com o interlocutor brasileiro. O que poderia ser uma característica de polidez para David conforme normas sociocomunicativas da cultura norte-americana, não o era dentro da etiqueta social da cultura brasileira.

Segundo Edward Hall (1976:37), o que dá ao homem a sua identidade, não importa onde ele nasça, é a sua cultura. A estrutura de comunicação, isto é, palavras, ações, posturas, gestos, tom de voz, expressões faciais, a forma de gerenciar o tempo, espaço, os materiais, e ainda a forma de trabalhar, brincar, fazer amor, defender-se são modelos criados por excelência. Durante a comunicação intercultural, todos esses sistemas comunicativos podem ser lidos corretamente se estivermos familiarizados com os seus comportamentos históricos, sociais ou contexto cultural. Quando não são familiares às pessoas, tais conhecimentos tendem a ser percebidos por elas como “diferentes” ou “esquisitos”. Hall (1976:64) explica que qualquer contato visual direto em público com estranhos, até uma distância de 12 a 14 pés, pode ser automaticamente mal interpretado na cultura norte-americana. O espaço corporal entre as pessoas, a direção e duração do olhar são determinados por componentes culturais e são significativos na interação na medida em que o desrespeito a essas regras pode indicar invasão de privacidade e causar danos à preservação da face.

Curiosamente, Assis (1995), ao analisar uma pequena amostra de interações verbais em relação ao ato de convidar entre brasileiros e norte-americanos e entre brasileiros²³ interagindo numa cidade nos Estados Unidos, observou que os brasileiros, ao serem convidados por americanos para se reunirem, por exemplo, não entendiam se estavam mesmo sendo convidados como início

²³ Entendemos que os termos brasileiros e norte-americanos aqui empregados não são para serem generalizados ao povo brasileiro ou povo americano, mas referem-se unicamente ao número restrito de sujeitos investigados naquele trabalho (Assis, 1995) e lá descritos sociodemograficamente.

de uma amizade ou se os convites eram para serem interpretados apenas como atos de cortesia. Descobriu-se que o modo aberto dos sujeitos norte-americanos de convidar pessoas conhecidas, porém não íntimas, para “aparecer em casa”, “almoçar um dia”, é um convite aberto pelo qual expressam o desejo para um compromisso social sem, no entanto, mencionar tempo ou lugar previamente. Cabe ao interlocutor iniciar a negociação para que o convite se realize. Convites ambíguos ou abertos revelaram-se como estratégias sociais para indicar um desejo de estar junto enquanto ao mesmo tempo há um lamento subjacente por não ter tempo para isso (Wolfson, 1981). Assis concluiu que esse parecia ser o caso com a maioria dos convites feitos pelos americanos que reservam os convites transparentes apenas para os seus íntimos. A autora também observou que entre os norte-americanos o uso da agenda era freqüente para estabelecer uma data de um encontro social envolvendo prazos de até mais de um mês, o que causava um certo mal-estar nos interlocutores brasileiros levando-os a pensar que os americanos estão sempre ocupados. Tal implicação poderia ser associada ao uso do tempo. Enquanto o convite norte-americano era orientado de modo monocrônico, isto é, os americanos tendem a se concentrar em uma coisa de cada vez e agendam os eventos individualmente, daí a preocupação com pontualidade; os brasileiros parecem organizar o seu tempo policronicamente, ou seja, atendem a várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. Preocupam-se mais com o relacionamento interpessoal e a completude de transações do que com a adesão a horários.

Poder-se-ia dizer também que o distanciamento de David de conversas corriqueiras pode estar associado a uma regra cultural subjacente em que norte-americanos organizam o tempo de modo monocrônico afeito a fazer uma coisa de cada vez. David trabalhava de modo concentrado, atendendo a uma coisa de cada vez, os momentos de socialização, certamente, ficavam reservados para outros contextos.

De tal modo, por meio de desvelamento de regras culturais subjacentes de organização de espaço, de tempo e de regras conversacionais é possível apreender o jogo das faces nas interações sociais. A compreensão das ações dos outros por meio

de lentes culturais e contextuais permite-nos enxergar o Outro como o Outro significativo e não apenas como “esquisito”, “estranho”, “taciturno”, “frio” .

5. Conclusão

Este artigo não pretendeu fazer nenhuma tentativa de apresentar descrições culturais rigorosas, o propósito foi tão somente fisgar alguns aspectos da interação face a face que podem ser interpretados como culturais. Com Wolcott (1999: 76), reconhecemos cultura não como algo para ser observado ou algo ao qual as pessoas pertencem, mas algo a ser *atribuído aos grupos* que estudamos, algo a ser inferido e interpretado a partir de nossa observação sistemática das ações rotineiras dos atores sociais. Dizendo de outro modo, a interpretação cultural é um modo de ver, ela oferece uma perspectiva para analisar o comportamento social, mas não é nunca uma explicação para o comportamento, já nos dizia Geertz (1973). Por sua vez, Wolcott (1999:279) nos lembra que na ausência da habilidade da predição ou da explicação do comportamento social de outros, o etnógrafo acredita que o conceito de cultura, materializado no seu olhar, permite-lhe um caminho em direção à interpretação dos fenômenos investigados. Dados coletados dentro da perspectiva etnográfica fornecem *insights* importantes acerca de experiências individuais e práticas culturais. Em outras palavras, traços que podem parecer como características individuais, podem ser interpretados como características culturais.

Assim, este artigo pretendeu enfatizar que situações de comunicação intercultural podem revelar padrões sócio-culturais subjacentes municiando uma visão pela qual nossa própria sociedade é estruturada e abrindo caminho para uma profunda apreciação da forma pela qual o nosso mundo social opera. Estudos de comunicação intercultural permitem a sociólogos, antropólogos, sociolinguistas e outros estudiosos da comunicação oral a entender não só os mecanismos discursivos ou interdiscursivos em jogo no desenrolar da conversa, mas também de que forma interlocutores constroem, negociam ou re-negociam

seus argumentos a partir das imagens identitárias, construídas culturalmente, que fazem de seus interlocutores. Professores de língua estrangeira, do mesmo modo, não podem se esquecer, que ao ensinar uma língua, não devem apenas descobrir os mecanismos discursivos e as estratégias comunicativas do aprendiz de línguas, mas também compreender de que modo diferenças culturais estão imbricadas nas percepções, atitudes e imagens que se constroem dos interlocutores na tessitura das relações sociais.

Em essência, estudos de comunicação intercultural sejam eles entre falantes de diferentes nacionalidades, comunidades de fala dentro de um mesmo país, ou outras filiações, nos possibilitam desautomatizar o olhar sobre/para o Outro. Uma perspectiva perpassada pela cultura permite-nos perceber que o que é tido como “certo” a partir do nosso próprio referencial torna-se questionável, levando-nos a reconhecer que fazemos parte de um conjunto conflitante, desestabilizador e instável de práticas ligadas a diferentes grupos sócio-culturais.

6. Bibliografia

ASSIS, Ana Antônia de. Comunicação intercultural: o “ato de convidar” entre brasileiros e americanos. *Polifonia*, Cuiabá, no.02, 1995, 123-138.

CAMPOS BORGES, Julie Kellen de. *Contextos conversacionais: um americano aprendendo português no Brasil*. Tese de mestrado inédita. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2001.

CANCLINI, N. G. *Consumidores y ciudadanos. Conflictos multiculturales de la globalización*. Mexico: Grijalbo, 1995.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos – Uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

GEERTZ, Clifford. Thick Description. In: Clifford Geertz (ed.), *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books, 1973, 3-30.

- GOFFMAN, Erving (1959) *A representação do eu na vida cotidiana*. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- HALL, Edward. *Beyond Culture*. New York: Anchor Press, 1976.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LINCOLN, Yvonna S. & DENZIN, Norman K. The Seventh Moment – Out of the Past. In: Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (eds.), *The Landscape of Qualitative Research – Theories and Issues*. Thousand Oaks, London and New Delhi: SAGE Publications, 2003, 611-640.
- MARCUSCHI, L. *A Análise da Conversação*. Série Princípios, 4ª edição, São Paulo: Ática, 1998.
- SCOLLON, Ron & SCOLLON, Suzanne Wong. *Intercultural Communication*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell Publishers Ltd., 1996.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik O olhar antropológico – ou o fim do exótico. In: Luiz Paulo da Moita Lopes e Liliana Cabral Bastos (Orgs.), *Identities – Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002, 267-276.
- WOLFSON, Nessa. Invitations, compliments and the competence of the native speaker. *International Journal of Psycholinguistics*, 24 (4), 1981, 07-22.
- WOLCOTT, Harry F. *Ethnography – a way of seeing*. CA, Walnut Creek: AltaMira Press, 1999.